

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE CAXIAS - CESC
DEPARTAMENTO DE LETRAS PORTUGUÊS E LITERATURAS

RAIMUNDA NONATA LIRA SILVA

**A FIGURA FEMININA NO CONTO OLHOS D'ÁGUA, DE CONCEIÇÃO
EVARISTO, NA PERSPECTIVA DA AMEFRICANIDADE**

Caxias-MA

2025

RAIMUNDA NONATA LIRA SILVA

**A FIGURA FEMININA NO CONTO OLHOS D'ÁGUA, DE CONCEIÇÃO
EVARISTO, NA PERSPECTIVA DA AMEFRICANIDADE**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao
Curso de Letras – Português e suas Literaturas de
Língua Portuguesa da Universidade Estadual do
Maranhão – UEMA, Campus Caxias, sob a
orientação do(a) Prof.(a) Dra. Solange Santana
Guimarães Moraes.

Caxias-MA

2025

S586f Silva, Raimunda Nonata Lira

A figura feminina no conto olhos d'água, de Conceição Evaristo, na perspectiva da amefricanidade / Raimunda Nonata Lira Silva. Caxias: Campus Caxias, 2025.

44f.

Monografia (Graduação) – Universidade Estadual do Maranhão – Campus Caxias, Curso de Licenciatura em Letras Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa.

Orientador: Prof^a Dra. Solange Santana Guimarães Moraes.

1. Amefricanidade. 2. Conceição Evaristo. 3. Literatura negra. 4. Maternidade negra. 5. Memória. I. Título.

CDU 82.09

Elaborada pelo bibliotecário Wilberth Santos Raiol CRB 13/608

RAIMUNDA NONATA LIRA SILVA

**A FIGURA FEMININA NO CONTO OLHOS D'AGUA, DE CONCEIÇÃO EVARISTO,
NA PERSPECTIVA DA AMEFRICANIDADE**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao
Curso de Letras – Português e suas Literaturas de
Língua Portuguesa da Universidade Estadual do
Maranhão – UEMA, Campus Caxias, sob a
orientação do(a) Prof.(a) Dra. Solange Santana
Guimarães Morais.

Aprovada em: 15/12/2025

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente
 SOLANGE SANTANA GUIMARAES MORAIS
Data: 06/05/2026 22:16:48-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Solange Santana Guimarães Morais
Doutora em Ciência da Literatura (UFRJ)

Documento assinado digitalmente
 HADRYA JACQUELINE DA SILVA SANTOS
Data: 07/05/2026 09:21:22-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Me. Hadrya Jaqueline da Silva Santos
Mestra em Letras (UFMA)

Documento assinado digitalmente
 EVALDINO CANUTO DE SOUZA
Data: 11/05/2026 18:22:51-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Evaldino Canuto de Sousa
Doutor em Linguística (UFRJ)

Caxias-MA

2025

Dedico esse trabalho a Deus em primeiro lugar, a minha mãe, meu esposo, minhas filhas Glenda vitória e Yngrid Yllse , a minha neta Karla Yasmim e em especial ao meu filho Reydner Wesley que já mora com Deus. Mas que muito se orgulhou e se alegrou com essa conquista.

AGRADECIMENTOS

Meus agradecimentos vão, primeiramente, a Deus, por ter sido meu sustento em todos os momentos, concedendo-me força, sabedoria e perseverança para chegar até aqui.

À minha família, que tanto amo, pelo apoio incondicional, compreensão e incentivo ao longo de toda esta caminhada acadêmica.

Aos meus professores, que contribuíram de forma decisiva para a minha formação, em especial à minha orientadora, Profa. Dra. Solange Santana Guimarães Moraes, pela paciência, dedicação, ensinamentos e confiança. À Profa. Dra. Marinalva Aguiar, ao Prof. Dr. Elizeu Arruda e a todos os demais docentes que, direta ou indiretamente, fizeram parte dessa trajetória de aprendizagem.

Aos meus amigos e colegas de curso, que se dispuseram a me ajudar, compartilhar conhecimentos, dificuldades e conquistas ao longo desta jornada.

Por fim, agradeço a todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para a minha formação pessoal e profissional.

Agradeço, ainda, à banca examinadora, composta por: Orientadora: Profa. Dra. Solange Santana Guimarães Moraes, Profa. Me. Hádrya Jacqueline da Silva Santos e prof. Dr. Evaldino Cunuto de Souza.

Os olhos d'água que atravessam o conto são também metáfora da persistência das mulheres negras em inscrever sua história no mundo. (Clarice Fortunato).

RESUMO

Este trabalho analisa o conto *Olhos d'Água*, de Conceição Evaristo, sob a perspectiva da amefricanidade, da matrilinearidade da memória e da maternidade como ato político, destacando como a autora reinsere a mulher negra como sujeito central de sua própria narrativa. A partir das contribuições teóricas de Bosi (1994), Ecléa; Gonzalez (1984), Lélia; Hall (2006), Stuart; Oyèrónkẹ Oyěwùmí (2021); Pollak (1989), Michael. e outros estudiosos da literatura negra e dos estudos culturais, discute-se como a memória, no conto, opera enquanto mecanismo de reconstrução identitária, articulando passado e presente por meio da ancestralidade feminina. Examina-se, ainda, como a maternidade negra é representada não apenas como experiência afetiva, mas como prática de resistência frente às estruturas racistas e patriarcais que historicamente invisibilizaram as mulheres negras. A análise evidencia que a escrevivência, conceito fundamental na obra de Evaristo, transforma experiências de dor, pobreza, abandono e afeto em gesto político de afirmação do corpo negro feminino. Conclui-se que *Olhos d'Água* mobiliza dimensões simbólicas, culturais e históricas que ressignificam a identidade negra e denunciam desigualdades estruturais, reafirmando o papel da literatura como ferramenta de memória, resistência e reconstrução de subjetividades. O estudo reforça a relevância da obra de Evaristo para a compreensão da literatura afro-brasileira contemporânea e para o fortalecimento de epistemologias produzidas a partir da experiência da diáspora africana.

Palavras-chave: Amefricanidade; Conceição Evaristo; Literatura negra; Maternidade negra; Memória.

ABSTRACT

This study analyzes the short story *Olhos d'Água*, by Conceição Evaristo, through the lenses of amefricanidade, matrilineal memory, and motherhood as a political act, highlighting how the author repositions Black women as central subjects of their own narratives. Drawing on the theoretical contributions of Lélia Gonzalez, Stuart Hall, Oyèrónké Oyěwùmí, Pollak, Bosi, and other scholars from Black literature and cultural studies, the research examines how memory functions in the story as a mechanism of identity reconstruction, connecting past and present through feminine ancestry. The study also investigates how Black motherhood is portrayed not only as an affective experience but as a form of resistance against racist and patriarchal structures that have historically silenced Black women. The analysis demonstrates that *escrevivência*, a key concept in Evaristo's work, transforms experiences of pain, poverty, abandonment, and affection into a political gesture affirming Black female subjectivity. The study concludes that *Olhos d'Água* mobilizes symbolic, cultural, and historical dimensions that re-signify Black identity and expose structural inequalities, reaffirming literature as a tool of memory, resistance, and the reconstruction of subjectivities. This research reinforces the significance of Evaristo's work for understanding contemporary Afro-Brazilian literature and for strengthening epistemologies grounded in the experience of the African diaspora.

Keywords: Amefricanity; Conceição Evaristo; Black literature; Black motherhood; Memory.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
2 AMEFRICANIDADE COMO EIXO ESTRUTURANTE DA REPRESENTAÇÃO FEMININA.....	14
2.1 Perspectivas Teóricas Acerca da Amefricanidade	14
2.2 Perspectivas Teóricas Sobre Escrevivência	17
3 CONCEIÇÃO EVARISTO: incursões a partir de suas escrevivências	19
3.1 A linguagem, os temas e o olhar sobre a mulher negra na Literatura de Conceição Evaristo	19
3.2 Outros olhares acerca da obra evaristiana.....	22
4 ANÁLISE DA AMEFRICANIDADE NO CONTO <i>OLHOS D'ÁGUA</i>.....	27
4.1 A Matrilinearidade da Memória	27
4.2 Maternidade como Ato Político.....	34
5 CONCLUSÃO.....	39
REFERÊNCIAS.....	41

1. INTRODUÇÃO

A literatura, ao longo da história, tem se constituído como espaço de registro histórico e afirmação cultural, mas também como instância de silenciamento e exclusão de determinados sujeitos sociais. Por muito tempo, a mulher negra esteve à margem das narrativas literárias canônicas brasileiras, relegada ao silêncio ou retratada por olhares estereotipados, coloniais e patriarcais. Contudo, nas últimas décadas, autoras negras têm subvertido essa lógica ao produzirem obras que deslocam o centro da narrativa para corpos, memórias e saberes historicamente silenciados.

Entre essas vozes insurgentes, destaca-se Conceição Evaristo, cuja escrita é marcada por um profundo compromisso com a denúncia das opressões e a valorização da ancestralidade negra feminina. Assim, este trabalho tem como objetivo analisar a representação sociocultural da mulher negra na obra *Olhos d'Água* (2014), com ênfase no conto *Olhos d'Água*.

A proposta é compreender como Evaristo constrói, por meio de sua escrita — autodenominada *escrevivência* —, figuras femininas que, mesmo marcadas pela dor, pela pobreza, pela violência e pelo racismo, se mantêm potentes enquanto símbolo de resistência e de memória. Ao dar centralidade à mulher negra como sujeito narrador e experienciador, a autora reconfigura o imaginário social e literário brasileiro, possibilitando uma leitura crítica do papel da literatura na luta por justiça social.

Para tal análise, será adotada uma abordagem teórica fundamentada no pensamento de autoras e autores que discutem as questões de gênero, raça, classe e literatura, como Lélia Gonzalez (1988), Patrícia Hill Collins (2016), bell hooks (2019) e Audre Lorde (1984). O conceito de *amefricanidade*, cunhado por Gonzalez, é central para esta pesquisa, pois propõe uma identidade política e cultural negra latino-americana que ultrapassa a dicotomia entre “América” e “África”, valorizando os atravessamentos históricos e culturais vivenciados por mulheres negras na diáspora.

Além do informado, a escrita de Evaristo será analisada a partir das categorias de corporeidade, memória, oralidade, violência simbólica e física e ancestralidade, compreendendo o texto literário como um território de disputa por representação e existência. A escolha do conto *Olhos d'Água* se justifica por condensar, de forma sensível e impactante, os temas centrais da obra da autora e por apresentar personagens que encarnam as múltiplas formas de resistência e vulnerabilidade da mulher negra brasileira.

A violência e a opressão contra a mulher negra no Brasil são questões profundamente enraizadas na história do país, refletindo o século de desigualdade racial e social. As mulheres

negras enfrentam uma interseccionalidade de opressões que se manifestam em diversas esferas da vida, desde a violência doméstica até a exclusão social e econômica. Nesse contexto, a obra *Olhos d'Água*, de Conceição Evaristo, emerge como um poderoso testemunho das vivências dessas mulheres, ressaltando suas lutas, dores e resistência. Por meio de sua escrita marcada pela "escrevivência", propõe uma escrita que nasce da vivência e da resistência de sujeitos negros. Essa perspectiva é fortalecida por autores como bell hooks (1995), que defende a escrita como prática de liberdade e resistência, e Lélia Gonzalez (1988), que introduz a ideia de amefricanidade, situando a mulher negra como sujeito político e cultural nas Américas. Nesse sentido, de que maneira o conto *Olhos d'Água*, de Conceição Evaristo, contribui para uma reflexão sobre a representação da mulher negra na literatura?

Para responder a esse questionamento, o presente trabalho se justifica e se apoia em três pilares fundamentais: a valorização da produção literária de autoria negra feminina como campo legítimo de saber e resistência; a necessidade de resgatar e reconfigurar as imagens da mulher negra na literatura brasileira, historicamente estigmatizadas ou apagadas; e a urgência de promover uma leitura crítica e transformadora da realidade social, que contribua para o combate ao racismo e ao sexismo estruturais. A escolha do conto *Olhos d'Água* como objeto de análise permite a articulação entre teoria e literatura, história e sensibilidade, denúncia e reconstrução, possibilitando uma abordagem rica e comprometida com a realidade.

Outrossim, o objetivo geral deste trabalho é analisar a representação sociocultural da mulher negra no conto *Olhos d'Água*, de Conceição Evaristo. Buscando compreender como as narrativas que a autora constrói tensionam os estereótipos e denunciam os mecanismos de opressão impostos a essas mulheres. Como objetivos específicos: a) Investigar o papel da literatura de Conceição Evaristo como possibilidade de reflexão sobre a desigualdade social enfrentada pela figura feminina; b) Refletir sobre os mecanismos de silenciamentos e opressões presentes no conto *Olhos d'Água*, de Conceição Evaristo; c) Compreender como gênero, raça e classe se interseccionam nas experiências das personagens, protagonista anônima, integrante do conto em foco.

Ademais, a presente pesquisa é de natureza qualitativa, com enfoque bibliográfico e analítico-interpretativo. Parte-se da análise literária como método principal para investigar a representação sociocultural da mulher negra na obra *Olhos d'Água* (2014), de Conceição Evaristo. O objetivo é compreender como a autora constrói, por meio da linguagem e da narrativa, imagens de mulheres negras que resistem ao silenciamento histórico e às opressões estruturais de gênero, raça e classe. Segundo Minayo (2001), a pesquisa qualitativa é apropriada

quando se pretende aprofundar a compreensão de fenômenos sociais complexos, especialmente aqueles relacionados à subjetividade e à cultura. Nesse sentido, a literatura é tomada aqui como um espaço simbólico que reflete e tensiona as dinâmicas sociais.

Assim, a escolha por uma abordagem interpretativa justifica-se pela necessidade de compreender os significados implícitos nas tramas, nas vozes narrativas e nas construções simbólicas que permeiam os textos selecionados. Como técnica de pesquisa, optou-se pela análise textual discursiva, baseada em elementos da crítica literária e dos estudos culturais. Serão observados aspectos como: a construção das personagens femininas negras; os elementos da escrevivência (Evaristo, 2017); os sinais de ancestralidade, oralidade e corporeidade; e os mecanismos de resistência frente à violência simbólica e física.

Portanto, a presente metodologia articula leitura crítica e análise textual, com base em categorias como memória, violência, resistência, identidade e afeto. O diálogo entre literatura e crítica social possibilita uma leitura transversal e situada, em que a produção literária de Conceição Evaristo é compreendida como um ato político de reescrita da história a partir das margens.

A presente pesquisa, organiza-se em três capítulos: O primeiro, intitulado "Amefricanidade e escrevivência como eixos estruturadores da escrita feminina negra", retrata a exploração das perspectivas conceituais de amefricanidade e de escrevivência, cunhados por Lélia Gonzalez e Conceição Evaristo, sendo, essenciais para a análise da literatura negra feminina. No segundo capítulo, "Conceição Evaristo: incursões a partir de suas escrevivências", o foco volta-se à discussão sobre os temas e linguagem, especificamente, para o projeto literário da autora: Um olhar particular, sobre a mulher negra e a sua obra. No terceiro e último capítulo, "Análise da Amefricanidade no conto Olhos d'Água", o foco se volta à matrilinearidade da memória e a maternidade como ato político, que se manifestam na narrativa e na construção de denúncias das opressões históricas.

A pesquisa soma-se à relevância literária do tema, vida enriquecer para com as pesquisas acadêmicas do corpo discente de Letras. Sob uma perspectiva interseccional, a pesquisa tem um potencial de contribuição original para o repertório de análises do curso.

2 AMEFRICANIDADE COMO EIXO ESTRUTURANTE DA REPRESENTAÇÃO FEMININA

Ao construir uma literatura que reconfigura as imagens da mulher negra, Evaristo coloca em prática um dos pilares da amefricanidade: a revalorização dos saberes ancestrais e das experiências coletivas como formas de resistência. A amefricanidade, como nos lembra Gonzalez (1988), emerge como um conceito contra hegemônico, que descoloniza tanto a epistemologia quanto a estética. Em Evaristo, essa proposta se concretiza na escolha de narradoras negras, na centralidade das emoções e da corporeidade, bem como no rompimento com o cânone patriarcal e branco da literatura brasileira.

No conto *Olhos d'Água*, o olhar da narradora é um símbolo multissignificativo. Os olhos da mãe evocam a ancestralidade, mas também denunciam a estrutura perversa da exclusão social. O corpo faminto da narradora, a pobreza e a marginalização que a cercam são elementos que revelam as dimensões estruturais do racismo no Brasil. Porém, o que resiste, o que permanece como legado, são os olhos da mãe, que não se curvam diante da miséria. Aqui, Evaristo propõe uma estética da resistência, em que o corpo negro feminino é portador de memória e insubmissão.

Como afirma Patricia Hill Collins (2016, p.23), “a experiência da mulher negra não pode ser compreendida de forma isolada; ela está entrelaçada a um sistema interseccional de opressões que inclui raça, classe, gênero e sexualidade”. A protagonista de *Olhos d'Água* é vítima dessas múltiplas violências, mas sua subjetividade resiste por meio da rememoração e da linguagem. O simples gesto de olhar nos olhos de uma mulher negra torna-se, em Evaristo, um ato político e poético.

Judith Butler (2004), ao discutir a noção de “vidas precárias”, argumenta que há existências cuja perda não gera luto, cuja dor não é reconhecida socialmente. Como diz Audre Lorde (1984, p.37), “a poesia não é um luxo. É uma necessidade vital da nossa existência”. É nesse ponto que Evaristo inscreve sua escrita: como necessidade política de afirmação da existência negra feminina. Ao amefricanizar a literatura brasileira, Conceição Evaristo rompe com as noções eurocentradas de humanidade e estética, construindo uma poética da escuta, da memória e da presença. Suas palavras não são meros registros: são armas, sementes e faróis para outras mulheres negras que ousam escrever e existir.

2.1 Perspectivas Teóricas Acerca da Amefricanidade

O conceito de escrevivência é, sem dúvida, a chave teórica central para compreender a obra de Conceição Evaristo. Mais do que um estilo, trata-se de uma filosofia literária, uma prática ética e estética que funde vida e escrita, ficção e memória, individualidade e ancestralidade. Evaristo (2017, p.13) afirma: “Escrevivência é a escrita de quem vive, de quem sobrevive e de quem se insurge”. Essa afirmação, radical em sua simplicidade, demarca um território de insurgência: o da mulher negra que escreve a si e às suas.

Nos contos selecionados, a escrevivência se revela na escolha de narradoras que falam em primeira pessoa, evocando suas histórias pessoais, familiares, comunitárias. São vozes marcadas pelo sofrimento, mas também pelo afeto, pela ternura, pela resistência cotidiana. A protagonista de *Olhos d'Água*, ao recordar sua mãe e os olhos que a marcaram, nos convoca a reconhecer a beleza e a força de mulheres que a história oficial não registrou.

Essa escrita do vivido, entretanto, não é autobiográfica no sentido estrito. Trata-se de uma autobiografia coletiva, uma “poética da ancestralidade”, como define Helena Theodoro (2020). As personagens de Evaristo não falam apenas por si, mas por todas as que vieram antes e por aquelas que ainda virão. São elos de uma cadeia de resistência silenciosa, mas inquebrantável.

O conceito de escrevivência, cunhado por Conceição Evaristo, é uma forma de escrita que nasce da vivência da mulher negra, da experiência coletiva e da ancestralidade. Trata-se de uma junção entre “escrita” e “vivência”, em que o ato de escrever ultrapassa o plano estético para se tornar um gesto político e existencial.

Como a própria autora define: “Nossas escrevivências não podem ser lidas como histórias para ninar os da casa-grande, e sim para incomodá-los em seus sonos injustos” (Evaristo, 2005, p.16). Escrevivência é, portanto, uma linguagem do cotidiano das mulheres negras, marcada por dores, silêncios, resistências e memórias herdadas de gerações.

Conceição Evaristo nasceu em 1946, em uma favela na zona sul de Belo Horizonte, Minas Gerais. Vinda de uma família numerosa e de poucos recursos, conciliava desde cedo o trabalho como empregada doméstica com os estudos. A condição social adversa, marcada pela pobreza, pelo racismo estrutural e pelo sexismo, influenciou profundamente sua sensibilidade e sua produção literária, refletindo-se na escrita que se enraíza nas realidades de mulheres negras brasileiras.

Só após os 40 anos, Evaristo publica seu primeiro conto na série *Cadernos Negros* (1990), da qual se tornou uma das vozes mais expressivas. Em 1996, conclui o mestrado em Literatura Brasileira na PUC-Rio e, mais tarde, o doutorado em Literatura Comparada na

Universidade Federal Fluminense (UFF), consolidando-se como pesquisadora e intelectual. Sua obra, que inclui romances, contos e poesias, como *Ponciá Vicêncio* (2003) e *Olhos d'Água* (2014), tornou-se referência na luta por representatividade e pela valorização da subjetividade de mulheres negras.

Além da produção literária, Conceição Evaristo tem papel fundamental no movimento negro brasileiro, especialmente na luta por uma educação antirracista e na valorização da cultura afro-brasileira. A escritora também atua em debates públicos e em políticas culturais, sendo reconhecida nacional e internacionalmente. Sua trajetória é um exemplo de resistência intelectual negra, evidenciando que a escrevivência não é apenas uma estética, mas uma forma de existência e de denúncia.

A escrevivência, como prática política, emerge em suas obras como um contraponto à narrativa oficial, eurocêntrica e patriarcal, revelando histórias silenciadas e corpos marginalizados. Para Evaristo, escrever é uma forma de libertação e de enfrentamento ao racismo e ao sexismo: “A escrevivência é a marca de uma subjetividade que se recusa a ser subalternizada” (Evaristo, 2011, p. 17). Sua escrita é atravessada pela oralidade, pelos saberes ancestrais, pelas histórias de luta de mães, avós, tias e mulheres comuns que resistem cotidianamente.

Dessa forma, Conceição Evaristo constrói uma obra literária enraizada no conceito de Amefricanidade, proposto por Lélia Gonzalez, ao traduzir as experiências de mulheres negras latino-americanas e caribenhas em um discurso estético-político de emancipação. Sua militância não está apenas nos discursos e eventos, mas sobretudo em sua escrita, que afirma: o lugar da mulher negra é também o da palavra, da criação e do protagonismo histórico.

Ao construir uma literatura centrada na figura da mulher negra, Evaristo reposiciona o feminino no centro da narrativa. A escrita se torna um território de libertação, onde as fronteiras do possível se alargam. Nessa perspectiva, a literatura não é apenas representação, mas reinvenção: ela cria imagens, subjetividades e mundos onde antes só havia silêncios e estigmas. Conforme destaca Djamila Ribeiro (2017, p. 13), “a presença de mulheres negras escrevendo sobre suas experiências não é apenas importante – ela é revolucionária”. Ao abordar experiências atravessadas pela fome, pelo abandono, pela violência e pela morte, a escrita literária não se limita à exposição dessas condições, mas opera como gesto de denúncia e ressignificação. As figuras femininas construídas nesse discurso afastam-se de modelos idealizados, configurando-se como sujeitos complexos, atravessados por contradições, sonhos e traumas. É nesse contexto que se insere a escrita de Conceição Evaristo, cuja produção

literária convoca a noção de escrevivência, articulando experiência, memória e identidade, o que fundamenta as discussões desenvolvidas a seguir em 2.2 Perspectivas Teóricas sobre Escrevivência.

2.2 Perspectivas Teóricas Sobre Escrevivência

A linguagem, em Conceição Evaristo, não é neutra. Ela é arma, abrigo e fronteira. A escolha lexical, o ritmo narrativo, as quebras sintáticas e as repetições não apenas estilizam o texto, mas carregam marcas de um corpo que fala – um corpo negro, feminino, atravessado por histórias silenciadas. Como explica Frantz Fanon (2008), a linguagem carrega uma carga histórica e ideológica: ao falar, o sujeito negro já é atravessado por normas que não foram feitas para ele. Evaristo inverte esse jogo ao criar uma linguagem que se recusa à normatividade branca e masculina. Em seus contos, o que se diz é tão importante quanto o modo de dizer.

No conto *Olhos d'Água*, o lirismo convive com a aspereza da realidade. A forma como a narradora conta sua história revela um deslocamento da norma culta: as marcas de oralidade, o tom confessional, os silêncios entre as frases constroem uma narrativa que reivindica autenticidade e sensibilidade. A linguagem aqui é parte da escrevivência: é o modo como a memória ganha corpo e dignidade. É uma linguagem insurgente, que quebra estruturas e resgata a ancestralidade pelo som e pelo ritmo das palavras.

O corpo da mulher negra, na literatura de Evaristo, é um território de tensões. Ele carrega o peso histórico da exploração sexual, do trabalho forçado, da criminalização e da invisibilidade, mas também se afirma como espaço de resistência e saberes.

Como aponta Grada Kilomba (2019), o corpo negro é politizado desde sempre – ele não é percebido como neutro, mas como símbolo, como ameaça, como fetiche ou como descartável. Na obra de Evaristo, essa politização se transforma em denúncia, mas também em potência.

No conto *Olhos d'Água*, o corpo da narradora não é descrito diretamente, mas está presente na fome, no cansaço, no olhar. A corporeidade aparece como ausência que grita. A fome, por exemplo, é uma experiência física, mas também simbólica: representa a carência de afeto, de oportunidades, de reconhecimento. A narrativa de Evaristo é uma escrita encarnada: cada palavra pulsa com a memória do corpo negro feminino.

Outro eixo fundamental da obra de Conceição Evaristo é a valorização da ancestralidade, especialmente das mulheres mais velhas: avós, mães, tias, vizinhas. Essas figuras femininas, muitas vezes, silenciosas na história oficial, são resgatadas como portadoras

de conhecimento, espiritualidade e resistência. No conto *Olhos d'Água*, a imagem da mãe é central. Os olhos da mãe não são apenas uma lembrança afetiva: são a herança simbólica da força que mantém a narradora viva. Mesmo na miséria, mesmo na exclusão, a presença da mãe funciona como elo com um passado de dignidade e força.

Como explica Oyèrónkẹ Oyěwùmí (1997), os modelos africanos de organização social valorizam estruturas matrifocais, em que a figura materna é central não apenas na família, mas na produção de sentido e identidade. Evaristo, ao resgatar essas figuras em suas narrativas, desmonta o modelo patriarcal branco de família e propõe uma outra lógica de transmissão: uma genealogia negra, feminina e ancestral.

A temporalidade na obra de Conceição Evaristo rompe com o modelo linear eurocêntrico. Os contos não seguem uma cronologia rígida; misturam passado e presente, memória e experiência, sonho e realidade. Isso se deve à cosmovisão africana que atravessa sua escrita – um tempo circular, em que o que foi vivido continua reverberando, em que os mortos estão vivos na memória dos vivos. No conto *Olhos d'Água*, o tempo narrativo é simultâneo: a narradora está no presente, mas sua fala está impregnada pelo passado. O olhar da mãe é eterno, atravessa as décadas, reaparece no espelho.

Essa circularidade temporal é um gesto político. Como afirma Paul Gilroy (2001), a memória na diáspora africana não é apenas uma lembrança, mas uma forma de resistência, uma ferramenta para reconstituir identidades fragmentadas pela colonização. Evaristo escreve como quem reconstrói um passado negado e, com isso, resgata um futuro possível para suas personagens.

Por fim, a análise do conto *Olhos d'Água* à luz dessas perspectivas teóricas, evidencia como a autora rompe com os estereótipos que historicamente marcaram a figura feminina negra na literatura brasileira. Evaristo não romantiza suas personagens, tampouco as reduz a figuras vitimizadas; ela lhes devolve a complexidade, a voz e a dignidade que lhes foram negadas. A mulher negra, em sua escrita, é simultaneamente vítima e protagonista, dor e potência, ausência e presença.

3 CONCEIÇÃO EVARISTO: incursões a partir de suas escrevivências

A escrita evaristiana se consolida como um ato de insurgência, pois, como lembra bell hooks (1995), escrever é um ato de libertação, um gesto de resistência contra a opressão. Assim, a autora transforma a literatura em espaço de reexistência, onde corpo, voz e memória se articulam em uma narrativa que denuncia a exclusão, mas também celebra a ancestralidade e a coletividade. Diante disso, os manuscritos de Conceição Evaristo ocupam um lugar de destaque na literatura brasileira contemporânea por dar visibilidade às vozes historicamente silenciadas da população negra, sobretudo das mulheres. Sua escrita é movida por uma perspectiva de resistência e de reconstrução da identidade afro-brasileira, sendo pautada naquilo que a própria autora nomeia de “escrevivência” — uma escrita que nasce da vida e das experiências de sujeitos marginalizados. Nesse sentido, conforme afirma Evaristo (2007, p. 22), “a escrevivência não pode ser lida como histórias para ‘ninar os da casa-grande’, mas para incomodá-los em seus sonos injustos”. Tal posição sintetiza o caráter político de sua produção literária, que rompe com o cânone tradicional e evidencia o protagonismo das mulheres negras em seus enredos.

3.1 A linguagem, os temas e o olhar sobre a mulher negra na Literatura de Conceição Evaristo

De acordo com a autora Bell Hooks (2000), falar a partir da margem é reivindicar um espaço de poder, citação que vai ao encontro do que Evaristo faz ao dar voz às mulheres silenciadas, permitindo que elas contem suas próprias histórias e ocupem o centro do discurso literário. Dessa maneira, ao trazer à baila os aspectos da linguagem em sua obra concebe-se que essa é marcada pela oralidade e pela memória coletiva, traços que aproximam sua escrita da tradição afro-brasileira. Assim, a oralidade manifesta-se por meio de expressões populares, cadência rítmica e narrativas que evocam as vozes das mulheres da comunidade. Como assevera Eduardo de Assis Duarte (2011, p. 15), “Evaristo realiza um processo de deslocamento do discurso literário dominante ao incorporar as marcas da fala e da experiência negra”.

Outrossim, alinhada à linguagem, consegue-se observar os principais temas que perpassam suas obras, em destaque têm-se: o racismo, o sexismo, a pobreza e a exclusão social, esses dialogam com o cotidiano das mulheres negras brasileiras. Entretanto, a autora não reduz suas personagens à dor; pelo contrário, faz emergir uma dimensão de força e resistência; como, por exemplo, em seu romance intitulado *Ponciá Vicêncio* (2003), no qual a personagem

principal percorre uma jornada de autoconhecimento e reconstrução identitária, espelhando a busca de uma coletividade por dignidade e pertencimento.

Segundo Duarte (2006), na obra supracitada, Evaristo retoma um procedimento que poderíamos chamar de brutalismo poético, ao narrar, em uma linguagem concisa e densa de significado, a vida de uma mulher oriunda do mundo rural, desde a infância até a “maturidade” desterritorializada na favela, onde sobrevive junto ao companheiro. A narrativa é entrecortada, mesclando de forma tensa passado e presente, recordação e devaneio, configurando-se como um Bildungsroman feminino e negro, ao dramatizar a busca quase atemporal da protagonista por recuperar e reconstituir família, memória e identidade.

No entanto, o ímpeto antropofágico se manifesta na postura de rasurar o modelo europeu, adaptando-o às peculiaridades da experiência representada. Assim, a apropriação feita por Evaristo adquire contornos paródicos: em lugar da trajetória ascendente do personagem em formação, típica de Goethe e de outros autores europeus, temos um percurso de perdas materiais, familiares e culturais. Em vez da linearidade triunfante do herói romanesco, emerge uma narrativa complexa, marcada por rupturas, deslocamentos e reconstruções contínuas da subjetividade da protagonista (Duarte, 2006).

Outrossim, outro exemplo da manifestação dessa temática ocorre em 1990, com a publicação do volume 13 dos *Cadernos Negros*, que apresentou os primeiros poemas de Conceição Evaristo. Entre eles, destaca-se “*Vozes-mulheres*”, texto que se mantém, até os dias atuais, como uma espécie de manifesto-síntese de sua poética,

A voz de minha bisavó
ecoou criança
nos porões do navio.
Ecoou lamentos
de uma infância perdida.

A voz de minha avó
ecoou obediência
aos brancos donos de tudo.

A voz de minha mãe
ecoou baixinho revolta
no fundo das cozinhas alheias,
debaixo das trouxas,
roupagens sujas dos brancos,
pelo caminho empoeirado
rumo à favela.

A minha voz
ainda ecoa versos perplexos

com rimas de sangue
e fome.

A voz de minha filha
recolhe todas as nossas vozes,
recolhe em si
as vozes mudas, caladas,
engasgadas nas gargantas.

A voz de minha filha
recolhe em si
a fala e o ato.

O ontem — o hoje — o agora.
Na voz de minha filha
se fará ouvir a ressonância,
o eco da vida-liberdade.¹

De acordo com o trecho acima, evidencia-se a necessidade de o eu poético assumir a palavra não apenas em nome próprio, mas também em nome de seu coletivo. Esse sujeito de enunciação, simultaneamente individual e coletivo, constitui marca essencial não só da escrita de Conceição Evaristo, mas também de grande parte da literatura afro-brasileira, comprometida com a reconstrução da imagem do povo negro — livre de estereótipos e voltada à preservação da memória de dor e de resistência. A presença do passado, convocada como referência para as lutas e reivindicações do presente, confere à produção literária dos autores afrodescendentes uma dimensão histórica e política singular, que a diferencia da literatura brasileira em sentido amplo (Duarte, 2006).

Segundo Duarte (2006) a narrativa de Conceição Evaristo filia-se a um veio afrodescendente que combina história não-oficial, memória individual e coletiva com invenção literária, tradição iniciada com a publicação de *Úrsula*, em 1859. O texto de Maria Firmina dos Reis, assim como a poesia satírica de seu contemporâneo Luiz Gama, apropria-se da moral hegemônica para desmascarar o rebaixamento dos afrodescendentes, distanciando-se do projeto literário romântico dominante, empenhado em unificar um país assolado pelas recentes revoltas separatistas por meio do reforço de narrativas e conceitos de nação e identidade nacional.

Em *Úrsula*, ao contrário das ficções de fundação comuns em seu tempo, recusa-se a propagar a ideologia de uma identidade nacional una e coesa, que apaga diferenças e naturaliza hierarquias. O romance enfatiza, em vez disso, a diferença étnica, transformada em

¹ EVARISTO, Conceição. Vozes-mulheres. In: *Cadernos Negros: poemas*. v. 13. São Paulo: Quilombhoje, 1990. p. 32–33.

desigualdade social e subalternizada pelo escravismo. Ao colocar o negro como referência axiológica de seu texto — exemplo moral e ético tanto para personagens quanto para leitores brancos — e ao inscrever senhores e escravos como “filhos de Deus” e “irmãos” perante os desígnios divinos, a escritora maranhense constrói uma narrativa que reconhece a humanidade dos oprimidos, estabelecendo os fundamentos de uma literatura engajada com a justiça social e a memória histórica (Duarte, 2006).

Dessa forma, a obra de Evaristo atualiza e prolonga a tradição literária afro-brasileira, iniciada por Maria Firmina dos Reis, reafirmando a centralidade da memória, da resistência e da voz do negro e da mulher negra na literatura brasileira contemporânea. Irmanado a essa vertente afrodescendente, o texto *Ponciá Vicêncio* destaca-se também pelo território feminino de onde emana um olhar distinto e uma discursividade específica. É desse lugar marcado, sim, pela etnicidade, que provém a voz e os ecos das correntes arrastadas.

No romance, fala um sujeito étnico, com as marcas da exclusão inscritas na pele, percorrendo nosso passado em contraponto com a história dos vencedores e seus mitos de cordialidade e democracia racial. Mas, igualmente, fala um sujeito gendrado, atravessado pela condição de ser mulher e negra em um país que a torna vítima de olhares e ofensas originadas pelo preconceito. Esse ser, constituído pelas relações de gênero, inscreve-se de forma indelével no romance de Conceição Evaristo, que, sem negligenciar a necessidade histórica do testemunho, supera-o, transformando-o em elemento perene da ficção (Duarte, 2006). Diante disso, ver-se-ão no próximo tópico outros olhares acerca da obra evaristiana.

3.2 Outros olhares acerca da obra evaristiana

A crítica literária tem reconhecido em Conceição Evaristo uma das vozes mais potentes da literatura contemporânea brasileira. Pesquisadores como Regina Dalcastagnè, Heloisa Buarque de Hollanda e Eduardo de Assis Duarte destacam sua contribuição para o descentramento do cânone, trazendo para o centro do debate literário as experiências de raça, gênero e classe. Além disso, há leituras que interpretam sua obra como um ato de reescrita da história brasileira, uma vez que suas narrativas dão protagonismo aos sujeitos subalternizados pela colonização e pela escravidão. Outros estudos apontam que a escrivência evaristiana articula o pessoal e o coletivo, o íntimo e o político, transformando a literatura em espaço de denúncia, cura e reconstrução identitária.

Ao analisar os dados biográficos de Conceição Evaristo, percebe-se que a escritora enfrentou diversas dificuldades para conquistar autenticidade no campo literário, buscando dar voz a sua classe social: mulheres negras, pobres e residentes em áreas periféricas. Somente na fase adulta, Evaristo conseguiu concluir os estudos, formar-se em Língua Portuguesa e atuar como professora universitária, rompendo com as estatísticas de analfabetismo que historicamente marcaram esse grupo.

É importante ressaltar que, embora Evaristo tenha conseguido publicar suas obras na contemporaneidade, isso não significa que os espaços literários sejam igualmente acessíveis ou valorizados para todos. Ainda assim, é inegável que o cenário atual apresenta uma literatura mais aberta e com maior consciência de classe (Dalcastagnè, 2012).

O mesmo ocorre para os personagens na literatura nacional contemporânea: “Os brancos somam quase quatro quintos das personagens, com uma frequência mais de dez vezes maior que a categoria seguinte (negros)” (Dalcastagnè, 2012, p. 173). Trata-se, portanto, de um monopólio para a manutenção de uma hegemonia dentro da literatura, uma atitude repressora que vai contra a ideia de que este é um espaço que pode ser habitado por todos e que possibilita a interação entre saberes e culturas, universo plural ao qual todos devem, de acordo com a suas lutas, se autorrepresentarem, pois veem o mundo cada qual ao seu modo:

Assim, mulheres e homens, trabalhadores e patrões, velhos e moços, negros e brancos, portadores ou não de deficiências, moradores do campo e da cidade, homossexuais e heterossexuais vão ver e expressar o mundo de diferentes maneiras (Dalcastagnè, 2012, p. 20).

De acordo com Pereira e Cavalcante (2023), em relação a esse tema, Evaristo (2009) observa que, ao longo da história da literatura brasileira, os negros e mestiços foram frequentemente retratados estereotipados ou mesmo ignorados. Por meio das vozes de homens brancos pertencentes à chamada “elite intelectual”, os personagens negros eram sexualizados, insultados, ridicularizados e diminuídos. Esse movimento não apenas refletia a maneira como a sociedade via essa população, mas também perpetuava essas representações.

Nesse contexto, a literatura negra surge como uma resposta a esse processo discriminatório, reivindicando a devida valorização da população negra e de suas contribuições culturais e sociais. Além disso, essa produção literária promove debates sobre desigualdade racial, rompendo com padrões estéticos convencionais e desafiando os estereótipos historicamente impostos na literatura brasileira (Pereira e Cavalcante, 2023).

Voltando à obra de Conceição Evaristo, ao tratar do “representar-se” no campo literário contemporâneo, uma de suas principais características é a mistura entre escritor(a) e personagem, de modo que a existência da autora se reflete em sua criação, confundindo ficção e realidade, como ela mesma afirma em seu prefácio:

Às vezes, não poucas, o choro da personagem se confundia com o meu, no ato da escrita. Por isso, quando uma leitora ou um leitor vem me dizer do engasgo que sente, ao ler determinadas passagens do livro, apenas respondo que o engasgo é nosso. A nossa afinidade (Ponciá e eu) é tão grande, que, apesar de nossas histórias diferenciadas, muitas vezes meu nome é trocado pelo dela. Recebo o nome da personagem, de bom grado. Na con(fusão) já me pediram autógrafo, me abordando carinhosamente por Ponciá Evaristo e distraída quase assinei, como se eu fosse a moça, ou como se a moça fosse eu (Evaristo, 2017, p. 7- 8).

Essa passagem evidencia a integração da experiência pessoal da autora com a narrativa, característica central da escrevivência, na qual a vida, a memória e a voz da autora se entrelaçam às de suas personagens, ampliando o campo da literatura como espaço de memória, identidade e resistência.

A protagonista feminina delineada por Conceição Evaristo nos leva a refletir sobre a posição da mulher na sociedade, especialmente da mulher negra, historicamente tratada como subalterna, mesmo diante das mudanças sociais recentes, caracterizadas pelas chamadas “novas identidades” (Hall, 2015, p. 9).

Em sua obra, Evaristo evidencia a tentativa da mulher negra de romper com a condição de opressão por meio da mudança de território, embora muitas vezes sem sucesso. Nesse contexto, o leitor se depara com uma situação inquietante: a personagem é apresentada como um indivíduo com poucas possibilidades de ascensão, limitado pelo preconceito e pela falta de acesso ao conhecimento, confinando-a frequentemente a espaços domésticos e de subalternidade (Pereira e Cavalcante, 2023).

Na contemporaneidade, as discussões sobre classes minoritárias vêm ganhando cada vez mais visibilidade, acompanhadas do rompimento de estereótipos historicamente impostos às mulheres e ao seu lugar na sociedade. Diversas mudanças ocorreram em relação às situações em que essas mulheres se (re)inseriram por meio das reivindicações do movimento feminista, as quais não abrangem apenas mulheres, mas também todos aqueles que foram excluídos socialmente por apresentarem algum aspecto considerado em “desconformidade” com a tradição e, conseqüentemente, com os ideais machistas e patriarcais, que seguem, de forma resumida, o seguinte princípio: “Mais vale deixar as mulheres isoladas e mantê-las ocupadas

em casa do que as reunir aos montes, pois as pessoas dessa categoria são como as plantas que fermentam quando se amontoam” (Perrot, 2007, p. 26).

Em virtude das análises acerca da obra de Conceição Evaristo e dos textos utilizados como aporte teórico, torna-se evidente a importância da representação do indivíduo e da reivindicação do direito à voz para sujeitos marginalizados e oprimidos. Trata-se de possibilitar que esses indivíduos possam falar e ser ouvidos em sua condição própria, sem depender do discurso hegemônico para se legitimar. Em outras palavras, é fundamental criar espaços em que sujeitos subalternos de classes minoritárias possam expressar-se e ter sua voz reconhecida.

Evaristo, enquanto militante e mulher negra, oferece em sua literatura representações das dificuldades enfrentadas por ela e por sua classe, evidenciando os desafios de se legitimar em um universo literário hegemônico. Sua obra busca tornar sua voz audível e ouvida, mesmo em um ambiente marcado por estereótipos e desigualdades históricas, valorizando a história, a memória e o contexto social em que sua escrita foi produzida (Pereira e Cavalcante, 2023).

Ao contrário da maior parte das obras contemporâneas de escritores homens e brancos, Conceição Evaristo, a partir de sua própria vivência, cria espaços para que mulheres negras, em especial, sejam ouvidas por meio de seus próprios contextos e condições de autorrepresentação. A autora se utiliza de personagens como mulheres negras, pobres, com pouca leitura, desterritorializadas e sem sobrenome que as identifique socialmente, para tratar de maneira concreta e cúmplice o ser marginal, que enfrenta estruturas resistentes ao seu deslocamento dentro de classes socialmente estereotipadas...(Pereira e Cavalcante, 2023).

Essa abordagem evidencia a tentativa incessante de transformar o perfil homogêneo dos produtores de textos literários, fortalecendo a pluralidade e a interculturalidade da escrita contemporânea. Dessa forma, Evaristo possibilita espaços de fala para sujeitos de classes subalternas, que historicamente não conseguiram autorrepresentar-se a partir de seu próprio lugar cultural. Exemplos disso são os trabalhadores rurais, as empregadas domésticas e os negros, cujas vozes, devido à subalternidade, raramente são legitimadas socialmente (Pereira e Cavalcante, 2023).

Marcelo de Jesus de Oliveira e Juliano Casimiro de Camargo Sampaio, No artigo *“Entre e para além da literatura: um estudo da noção ‘escrevivência’, de Conceição Evaristo”*, afirmam que a literatura de Evaristo assume caráter interdisciplinar ao mediar discussões entre e para além da literatura, elegeu-como corpora textuais entrevistas concedidas por Conceição Evaristo para responder como se segmenta e pode ser compreendida a noção de escrevivência — Esse tipo de abordagem pode fornecer citações sobre como Evaristo define

escrevivência, sua vinculação com vivência pessoal e comunitária, e como isso se articula em sua literatura.

A partir da leitura do artigo intitulado *Mulheres negras e escrevivência em Conceição Evaristo* (Diana do Carmo Teixeira; Tamires Guimarães do Nascimento; Thaisa Silva Martins), ~~nesse artigo~~, observa-se que Evaristo “cunhou o debate acerca da escrevivência na cena literária nacional. A autora apresenta, em suas personagens fictícias-reais, estruturas e enredos que prospectam sentimentos líricos a quem as lê, seja de maneira individual e/ou coletiva. Sua escrita é tão singular que, além do olhar capaz de descrever situações cotidianas, insere na narrativa as suas vivências pessoais e se inspira em histórias silenciadas da população afro-brasileira.

No texto *Para não ser trapa no mundo: as mulheres negras e a cidade na literatura brasileira contemporânea*, Dalcastagnè analisa obras de Carolina Maria de Jesus e Conceição Evaristo, discutindo as possibilidades estéticas e políticas da autorrepresentação da experiência feminina negra nas metrópoles brasileiras. A cidade, nesses livros, não é apenas paisagem ou retrato, mas elemento de subjetivação e espaço de empoderamento, que se efetivam a partir da própria escrita. Fugindo da perspectiva dominante ‘branca, masculina, elitizada’ de nosso cânone literário, Jesus e Evaristo não apenas resgatam “histórias não contadas” como também produzem novos modos de pensar e dizer a relação entre cidade, gênero, raça e classe.

No capítulo seguinte, realiza-se a análise da amefricanidade no conto *Olhos d’Água*, de Conceição Evaristo, buscando evidenciar como a narrativa incorpora elementos históricos, culturais e simbólicos da experiência afro-diaspórica nas Américas. A partir desse conceito, examinam-se as marcas de ancestralidade, memória coletiva, resistência e identidade presentes no texto, destacando de que modo a escrita de Evaristo articula vivências individuais e coletivas, inscrevendo a experiência da mulher negra como eixo central da construção literária.

4 ANÁLISE DA AMEFRICANIDADE NO CONTO *OLHOS D'ÁGUA*

O conto *Olhos d'Água*, de Conceição Evaristo, articula elementos centrais da concepção de amefricanidade formulada por Lélia Gonzalez, especialmente no que diz respeito à valorização das experiências ancestrais, das memórias femininas negras e das estratégias de sobrevivência elaboradas no cotidiano racializado das mulheres afro-diaspóricas. A narrativa, construída a partir da voz de uma mulher negra que rememora sua trajetória e a da mãe, enfatiza temas como memória, corpo, afeto e resistência — dimensões que compõem a identidade amefricana enquanto categoria política, histórica e epistemológica. A obra evidencia como a subjetividade da personagem é moldada pela herança de mulheres negras que, em meio à violência estrutural, constroem redes de cuidado, preservação cultural e afirmação de existência.

4.1 A Matrilinearidade da Memória

A memória que estrutura o conto se apresenta como um fio matrilinear, no qual a personagem rememora a mãe para reconstruir sua própria identidade. Essa transmissão de memórias femininas negras dialoga diretamente com a noção de amefricanidade, que valoriza a ancestralidade e o legado histórico das mulheres africanas e afro-diaspóricas como principais guardiãs da cultura, da língua, dos saberes e das estratégias de sobrevivência.

No conto, a lembrança dos “olhos d'água” da mãe, capazes de expressar dor, força e ternura, simboliza a continuidade dessa herança afetiva e política. A narradora só compreende a si mesma ao revisitar a figura materna, o que reforça a ideia de que a história das mulheres negras se constrói por meio de memórias partilhadas, sensíveis e, muitas vezes, silenciadas. Assim, a matrilinearidade funciona não apenas como marca individual, mas como mecanismo de preservação de uma experiência coletiva, típica de comunidades amefricanas.

Para Gomes e Menezes (2024), pensar a memória implica articulá-la diretamente à ancestralidade e à cultura. Nesse sentido, o ser humano, enquanto sujeito cultural, como aponta Leonardo Tondato Mello (2021, p. 26), “está intimamente ligado aos significados que produz, assim como a cultura possui relação com os significados produzidos pelo homem em seus diversos momentos históricos”. A memória, portanto, não se restringe à evocação de experiências individuais, mas participa de uma rede simbólica que vincula o sujeito a sua comunidade, seu passado e seus processos de significação.

A relação entre memória e ancestralidade pode ser ilustrada por concepções tradicionais dos povos iorubás, para os quais o corpo é compreendido como fenômeno ancestral. Lima (2022) reforça que, para pensar o corpo nessa perspectiva, é indispensável reconhecê-lo como o primeiro lugar de inscrição da cultura e como meio fundamental para a construção de narrativas: “Isto, pois, o corpo é o primeiro a ser atravessado pela cultura, bem como é o meio pelo qual é possível construir narratividade, seja ela oral ou escrita” (Lima, 2022, p. 37-38). Assim, compreende-se que a memória, enquanto categoria, é inseparável do corpo, pois é este que, como destaca a autora, partilha inicialmente as relações de atravessamento espaço-temporais e as “vivências e experiências de si e do outro” (Lima, 2022, p. 38).

No conto *Olhos d'Água*, de Conceição Evaristo, as memórias da narradora durante a infância ilustram esse movimento de atravessamento temporal e experiencial. Em passagens como: “Lembro-me ainda do temor de minha mãe nos dias de fortes chuvas. Em cima da cama, agarrada a nós, ela nos protegia com seu abraço. E com os olhos alagados de prantos balbuciava rezas a Santa Bárbara” (Evaristo, 2016, p. 17), observa-se como o gesto materno preserva práticas, rituais e saberes de matriz africana. Pela via memorialista, Evaristo costura passado e presente, mobilizando elementos de ancestralidade e de tradição cultural que orientam a construção identitária da narradora.

Embora a memória seja, como afirma Pollak (1992), um fenômeno íntimo e pessoal, sua dimensão coletiva não pode ser ignorada. Desde as décadas de 1920 e 1930, Maurice Halbwachs defendia que a memória deve ser compreendida prioritariamente como fenômeno social, “construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações e mudanças constantes” (Pollak, 1992, p. 201). Essa concepção permite compreender como experiências individuais, como as vividas pela narradora de *Olhos d'Água*, dialogam com dimensões históricas e culturais mais amplas.

Bosi (1979) também enfatiza o papel da memória na articulação entre passado e presente, ao afirmar que ela atua no processo psicológico que faz com que vivências anteriores se manifestem no tempo presente, “ocupando o espaço todo no inconsciente” (Bosi, 1979, p. 9). Assim, lembrar não é apenas revisitar fatos, mas atualizar sentidos, reinscrevendo-os no corpo e na subjetividade.

Autores como Eduardo David de Oliveira (2012) e Augusto Sérgio dos Santos de São Bernardo (2018) ao discutirem a memória em perspectiva ancestral, reconhecem-na como um dos pontos que compõem a “encruzilhada do pensamento contemporâneo” (Oliveira, 2012, p.

28), pois recoloca em debate questões originárias ligadas à trajetória histórica, espiritual e cultural de povos africanos e afro-diaspóricos.

A ancestralidade, conforme explica São Bernardo (2018, p. 231), pode ser compreendida como uma categoria de alteridade, pois permite “entender os territórios desterritorializados que, ao se reconstruir, a exemplo da experiência negra no Brasil, constroem outros territórios capazes de suspender a temporalidade e linearidade de uma história de cunho progressista e unívoca”. Assim, as civilizações africanas mantêm, historicamente, uma relação contínua com a ancestralidade, produzindo e (re)criando territórios culturais e simbólicos que preservam memórias e (re)estabelecem formas de poder inscritas no corpo e na coletividade.

Tanto o racismo quanto o culto às divindades africanas dizem respeito a memórias compartilhadas por uma comunidade inteira, atravessando dimensões humanas, sociais e culturais. Nesse sentido, a memória desempenha papel decisivo, pois estabelece, como observa Bosi (1979, p. 9), “a relação entre o corpo presente e o passado”. Quando uma pessoa negra relata experiências de violência motivadas pela cor da pele, sua narrativa convoca outras pessoas negras a reconhecerem e partilharem esse acontecimento dentro de uma memória coletiva.

Enquanto mecanismo de (re)construção identitária, a memória possibilita ao sujeito revisitar suas experiências, recuperar vivências e compreender as marcas que o constituem, assim como os traços herdados de seus antepassados. Stuart Hall (2006, p. 10-12) argumenta que a identidade se tornou um tema central na teoria social contemporânea, especialmente diante do que denomina “crise de identidade”. Em seus estudos, o autor distingue três concepções de sujeito: (a) o sujeito do Iluminismo, autoconsciente, dotado de razão e centrado; (b) o sujeito sociológico, que se forma na relação com o outro e cujas identidades são construídas coletivamente; e (c) o sujeito pós-moderno, resultante de transformações estruturais e institucionais e, portanto, desprovido de identidade fixa ou permanente, marcado pela fluidez da sociedade globalizada.

Em síntese, para Hall (2000, p. 111-112), a identidade pode ser entendida como um “ponto de encontro e de sutura” entre discursos e práticas que convocam o indivíduo a reconhecer-se enquanto sujeito situado social e culturalmente. Assim, as identidades sociais, segundo o autor (Hall, 2006), devem ser pensadas em consonância com os aspectos culturais que permitem ao sujeito localizar-se no mundo por meio de processos contínuos de identificação.

Dessa maneira, as categorias de identidade e de memória ancestral constituem eixos fundamentais para a compreensão da cultura negra, sustentando tanto a formação histórica dos povos afro-diaspóricos quanto grande parte da fortuna crítica literária brasileira.

Pensar em uma literatura negra ou afro-brasileira implica reconhecer a recente consolidação desse conceito, apesar de seus primeiros registros remontarem ao início do século XIX. É, contudo, nas últimas três décadas que essa produção se fortalece no cenário nacional, sobretudo pela ampliação das vozes negras na escrita e na crítica literária. A obra de Conceição Evaristo insere-se nesse movimento ao afrontar as imposições sociais de classe, raça e gênero, oferecendo protagonismo a sujeitos historicamente estigmatizados — em especial às mulheres negras. Em *Olhos d'Água*, tal protagonismo se constrói por meio da rememoração, recurso que reativa a memória histórica apagada ou silenciada pela tradição literária oficial.

Esse gesto de ruptura é o que Dalcastagnè (2012, p. 13) denomina de literatura como “território contestado”. A autora destaca que, desde o momento em que a literatura foi concebida como instrumento de construção identitária nacional, diversos grupos sociais têm buscado apropriar-se desse espaço para garantir visibilidade e possibilidade de expressão. Assim, “muito além de estilos ou escolhas repertoriais, o que está em jogo é a possibilidade de dizer sobre si e sobre o mundo, de se fazer visível dentro dele” (Dalcastagnè, 2012, p. 13). Nesse sentido, a literatura configura-se como lugar de disputa simbólica, onde escritores e críticos lutam pela legitimação de seus discursos e de seus direitos de fala.

A marginalidade das personagens negras na ficção torna-se ainda mais complexa quando se trata do protagonismo feminino. Evaristo (2009) evidencia essa problemática ao lembrar que, por longo período da história literária brasileira, a mulher negra foi representada exclusivamente como “corpo-procriação e/ou corpo-objeto de prazer do macho senhor” (Evaristo, 2009, p. 23). Esse enquadramento remonta ao Brasil colonial, no qual o corpo da mulher negra era destinado ao trabalho, à servidão doméstica e à exploração sexual. Tais estereótipos permaneceram no imaginário social e literário, sustentando representações desumanizantes e reforçando lugares de subalternização.

O discurso construído sobre o corpo negro — entendido como espaço da flagelação e da dominação — ao longo da produção intelectual ocidental, alimentou uma lógica de supremacia branca que reduziu a experiência negra às marcas de seu corpo. Le Breton (2007) contribui para essa reflexão ao afirmar que, “aos olhos do racista, são as condições de existência do homem que são os produtos inalteráveis de seu corpo” (Le Breton, 2007, p. 73). Assim, o

corpo negro torna-se, no discurso racista, mero artefato dos seus atributos físicos, aquilo que o autor denomina de “corpo imaginário ao qual a raça dá nome”.

O processo de colonização reforçou essa leitura ao defender que povos negros estavam destinados à dominação em virtude de seus traços biológicos. A socióloga nigeriana Oyěwùmí (2018) discute a centralidade dessa perspectiva na formação do pensamento ocidental, observando que “a ideia de que a biologia é o destino – ou melhor, que o destino é a biologia – tem sido a base do pensamento ocidental por séculos” (Oyěwùmí, 2018, p. 306). A autora explica que a hierarquização de grupos sociais com base em critérios biológicos continua exercendo influência, mesmo entre cientistas sociais que rejeitam explicações genéticas. No Ocidente, afirma, “as explicações biológicas parecem ser privilegiadas em relação a outras formas de explicar as diferenças de gênero, raça ou classe” (Oyěwùmí, 2018, p. 306-307).

Assim, compreender a literatura negra — e particularmente a escrita de Conceição Evaristo — exige reconhecer suas estratégias de deslocamento desse olhar colonizador, reinscrevendo corpos negros como sujeitos plenos de humanidade, história, memória e agência.

Narrado em primeira pessoa, *Olhos d'Água* constrói, a partir de uma perspectiva feminina, a relação tensa e afetivamente complexa entre a protagonista e suas próprias lembranças. Ao redor da pergunta insistente — “Qual a cor dos olhos de minha mãe?” — a narrativa mergulha nas memórias da narradora, revisitando episódios que atravessam sua infância e vida adulta, marcados por privações, dor e pobreza. Essa rememoração é ilustrada no seguinte trecho:

Às vezes, as histórias da infância de minha mãe confundiam-se com as de minha própria infância. Lembro-me de que muitas vezes, quando a mãe cozinhava, da panela subia cheiro algum. Era como se cozinhasse, ali, apenas o nosso desesperado desejo de alimento. As labaredas, sob a água solitária que fervia na panela cheia de fome, pareciam debochar do nosso estômago, ignorando nossas bocas infantis em que as línguas brincavam a salivar sonho de comida (Evaristo, 2016, p. 16).

Segundo Gomes e Menezes (2024), o fragmento acima revela um dos momentos mais significativos da memória da narradora, no qual ela articula suas lembranças de infância às recordações relacionadas à mãe. Nesse ponto, o leitor testemunha a evocação de uma etapa da vida marcada pela pobreza, circunstância que aproxima mãe e filha de maneira profunda. A escassez de comida, elemento recorrente nesse período, torna-se símbolo da miséria vivida, enquanto Evaristo utiliza esse cenário para conduzir a protagonista por um percurso

memorialista que preserva os vínculos familiares e mantém viva a relação entre passado e presente.

Em *Olhos d'Água*, a narradora é apresentada em um processo de busca identitária e, para realizá-lo, precisa retornar ao núcleo familiar e às memórias ancestrais. Esse movimento a conduz inevitavelmente a sentimentos de medo, saudade e dor, mas também de amor e afeto, conforme evidencia o trecho a seguir:

Uma certa noite, há anos, acordei bruscamente e uma pergunta explodiu de minha boca. De que cor eram os olhos de minha mãe? Atordoada, custei reconhecer o quarto da nova casa em que eu estava morando e não conseguia me lembrar de como havia chegado até ali. [...] E o que a princípio tinha sido um mero pensamento interrogativo, naquela noite, se transformou em uma dolorosa pergunta carregada de um tom acusativo. Então, eu não sabia qual a cor eram os olhos de minha mãe? (Evaristo, 2016, p. 15).

De acordo com Gomes e Menezes (2024), ao vincular sua busca identitária à figura materna, a narradora retorna insistentemente à pergunta “De que cor eram os olhos de minha mãe?”, repetida dez vezes ao longo do conto. Esse questionamento, como observa Costa (2018, p. 65), funciona como “o fio que conduz a narradora-personagem a tomar consciência sobre a sua identidade perdida”, deslocando-a imediatamente para um espaço subjetivo que demanda uma retomada do passado. Assim, torna-se necessário “que ela faça uma viagem à sua cidade natal, que é uma simbologia às suas memórias de infância, às suas divagações de criança e reflexões de adulta”. Ao evocar a mãe, o cenário de dor marcado pela pobreza cede lugar à saudade, permitindo que o afeto emergente transborde, como se vê no trecho a seguir:

Eu achava tudo muito estranho, pois me lembrava nitidamente de vários detalhes do corpo dela. Da unha encravada do dedo mindinho do pé esquerdo... da verruga que se perdia no meio de uma cabeleira crespa e bela. Um dia, brincando de pentear boneca, alegria que a mãe nos dava quando deixando por um momento o lava-lava, o passa-passa das roupagens alheias e se tornava uma grande boneca negra para as filhas, descobrimos uma bolinha escondida bem no couro cabeludo dela (Evaristo, 2016, p. 16).

Os sentimentos de tristeza e miséria vividos pela narradora e sua mãe eram, constantemente, sobrepostos pelo afeto materno. A dificuldade da protagonista em recordar a cor dos olhos da mãe decorre do fato de que, em inúmeros momentos, essa mulher precisou ocultar o sofrimento imposto pela pobreza para proteger as filhas. Da mesma forma, o esquecimento da cor de seus próprios olhos evidencia a tênue fronteira entre a percepção infantil

do mundo e a consciência adquirida na vida adulta, revelando como sua subjetividade foi moldada por experiências de escassez e silêncio (Gomes e Menezes, 2024).

Outro elemento significativo da narrativa é a completa ausência da figura paterna. A não menção ao pai intensifica o protagonismo feminino na obra, reforçando a mulher como força diretora — aquela que sustenta o lar e lidera integralmente a criação dos filhos. À luz da leitura de Renato Nogueira (2017, p. 64), essa composição remete a “um aspecto importante da cultura iorubá e que está naquilo que a antropologia define como matrifocal”. Para o autor, é a mulher — e não o homem — quem articula e centraliza a vida familiar, em oposição ao modelo patriarcal hegemônico (Gomes e Menezes, 2024).

A ausência do pai no conto retoma uma realidade estrutural brasileira: a das mães solo, frequentemente abandonadas ou desresponsabilizadas por seus companheiros. Diferentemente de outras experiências marcantes, essa ausência não se configura como a principal fonte de dor da narradora. Suas angústias mais profundas decorrem da pobreza, do medo constante do desabamento da casa durante as chuvas, da falta da mãe e da dúvida persistente sobre a cor dos olhos maternos. Esses elementos conduzem o leitor a um cenário de vulnerabilidade, mas também apresentam a força simbólica da mãe da protagonista, suas irmãs e, em sentido mais amplo, a presença espiritual de Oxum, que atravessa a narrativa como figura ancestral de cuidado e proteção (Gomes e Menezes, 2024):

Havia anos que eu estava fora de minha cidade natal. Saíra de casa em busca de melhor condição de vida para mim e minha família: ela e as irmãs tinham ficado para trás. Mas eu nunca esquecera minha mãe. Reconhecia a importância dela em minha vida, não só dela, mas de minhas tias e de todas as mulheres de minha família. E também, já naquela época eu entoava cantos de louvor a todas as nossas ancestrais, que desde a África vinham arando a terra da vida com as suas próprias mãos, palavras e sangue. Não, eu não esqueço essas Senhoras, nossas Yabás, donas de tantas sabedorias (Evaristo, 2016, p. 18).

Enquanto instrumento de resgate da identidade negro-africana, a memória — tal como é mobilizada na narrativa de *Olhos d'Água* — manifesta sua dimensão social ao conectar passado e presente. O trecho evidencia como a protagonista estabelece vínculos profundos com as figuras femininas de poder de sua família, reconhecendo nessas relações a presença de suas ancestrais. Dessa forma, a memória atua não apenas como recordação individual, mas como espaço de continuidade ancestral, no qual a experiência pessoal é atravessada por saberes, forças e histórias herdadas (Gomes e Menezes, 2024).

Ao incorporar referências à África por meio das marcas da religiosidade afro-brasileira, Evaristo mantém vivos, na contemporaneidade, aspectos fundamentais da história e da memória negra, especialmente aqueles transmitidos pela tradição oral — eixo essencial da identidade afro-diaspórica. Nesse contexto, torna-se necessário problematizar a forma como o senso comum simplifica e homogeneíza o continente africano, reduzindo-o, sob uma ótica preconceituosa, a um espaço primitivo e destituído de complexidade histórica. Para não reproduzir tal visão distorcida, amplamente disseminada por discursos coloniais e informativos superficiais, é imprescindível recorrer a fontes históricas que esclareçam por que um território tão vasto, diverso e culturalmente rico é reiteradamente representado como um lugar sem passado ou sem contribuições significativas para a humanidade (Gomes e Menezes, 2024).

4.2 Maternidade como Ato Político

Em *Olhos d'Água*, a maternidade é construída como um espaço de resistência, força e invenção da vida, ultrapassando a dimensão biológica e se afirmando como prática política. Em um contexto marcado pela pobreza, pela desigualdade racial e pela ausência de redes de proteção estatal, a mãe da narradora encarna a figura da mulher negra que sustenta o lar, preserva a vida dos filhos e administra afetos e carências — tudo isso em meio às adversidades impostas por uma sociedade estruturalmente racista. Dessa forma, a maternidade, no conto, não se reduz ao ato de gerar, mas emerge como ação cotidiana de sobrevivência e enfrentamento.

A força materna está presente no modo como a protagonista recorda a mãe, especialmente nas cenas em que o cuidado se impõe apesar da escassez: o abraço durante as chuvas, o esforço para alimentar as filhas, a tentativa constante de esconder a própria dor para não ferir as crianças. É nesse gesto de proteção que Conceição Evaristo inscreve a maternidade como ato de insurgência: ao proteger suas filhas da fome, do medo e da violência, a mãe resiste à condição de vulnerabilidade que lhe foi socialmente atribuída. A narradora reconhece essa força ao compreender que, por trás da pergunta insistente sobre “a cor dos olhos de minha mãe”, encontra-se uma história marcada pelo sofrimento, mas sobretudo pela determinação.

A ausência da figura paterna intensifica esse protagonismo feminino, inserindo a mãe no centro da organização familiar e afetiva — aspecto que dialoga com o conceito de matrifocalidade, discutido por Renato Noguera (2017), para quem, em diversas culturas africanas, especialmente no âmbito iorubá, a mulher desempenha papel fundamental na articulação familiar. Ao evocar essa estrutura, Evaristo reconecta a experiência da mãe da

narradora à ancestralidade africana, ressaltando que, mesmo em condições adversas, é a mulher negra quem assume a liderança do lar, preservando a integridade do grupo.

Assim, ao recontar a história de sua mãe, a narradora ativa não apenas uma memória íntima, mas também uma memória coletiva, inscrita nos corpos das mulheres negras que, ao longo da história brasileira, foram obrigadas a reinventar estratégias de sobrevivência diante do abandono estatal, da exploração de classe e do racismo estrutural. A maternidade, nesse sentido, transforma-se em gesto político porque denuncia a desigualdade, revela a ausência de direitos e expõe a violência simbólica e material vivida por mulheres negras.

Evaristo, portanto, reinscreve a maternidade no campo da resistência: ser mãe implica desafiar estruturas opressoras que tentam inviabilizar vidas negras. O ato de matinar torna-se, assim, um modo de enfrentar a condição histórica de precarização e, simultaneamente, afirmar a continuidade de uma linhagem ancestral marcada pela força, pela dor e pelo afeto (Gomes e Menezes, 2024).

A memória, na narrativa, desencadeia na protagonista mais do que simples recordações: ela funciona como força que preserva e reafirma uma identidade negra alicerçada na valorização e na continuidade dos aspectos históricos dessa comunidade. Embora o conto não utilize explicitamente termos como “violência racial”, “racismo” ou “preconceito”, o “sentido de denúncia apresentado no decorrer do conto reforça a perda da identidade e a urgência por reencontrá-la” (Silva e Conte, 2019, p. 428). Isso ocorre porque, ao inserir a personagem em um espaço no qual suas vivências são narradas por ela mesma, Evaristo transforma as memórias em um mecanismo de manutenção e ressignificação de sua identidade histórica e negra. Gomes e Menezes, 2024):

Essa forma de compreender-se como sujeito responsável pela própria história está ligada à cosmo percepção africana, que afasta visões exotizantes ou demonizadoras da cultura do continente. Tal percepção só se concretiza quando diferentes formas de sentido — simbólicas, espirituais, corporais e afetivas — são reconhecidas e legitimadas, sem hierarquização entre raças ou culturas. Dessa maneira, o sujeito negro pode narrar a própria trajetória e, sobretudo, reconhecer-se como protagonista dela.

A maternidade retratada em *Olhos d'Água*, de Conceição Evaristo, transcende o plano íntimo e se converte em um espaço de luta, sobrevivência e resistência cotidiana. O artigo analisado demonstra que compreender essa maternidade implica necessariamente situá-la dentro do Feminismo Negro e da estrutura racial brasileira, que afetam profundamente as possibilidades de cuidado, proteção e afeto disponíveis às mulheres negras. Assim, a

maternagem na obra não se apresenta de forma idealizada, mas como prática concreta realizada sob adversidades históricas (Silva e Cavalcante, 2023).

A narrativa expõe como a experiência maternal negra é moldada por marcadores de raça, gênero e classe que se entrecruzam em uma vida atravessada por precariedade, violência estrutural e laços ancestrais. O modelo tradicional de mãe, frequentemente romantizado pelo imaginário social, não abarca a realidade desta mulher negra protagonista do conto. Como analisa Moreira e Nardi (2009), a maternidade não pode ser compreendida fora da tríade “trabalho–maternidade–contexto social” (Evaristo, 2015, p. 16), que se evidencia no conto quando a mãe precisa conciliar extensas jornadas como lavadeira com o cuidado das filhas. É nesse contexto que a imaginação se torna ferramenta de sobrevivência, como quando ela se transforma em “uma grande boneca negra” para arrancar das crianças alguns instantes de alegria.

Essa maternidade, contudo, não se manifesta apenas na dimensão do cuidado, mas também na dimensão simbólica e identitária. A própria biografia de Evaristo — filha de uma lavadeira que criou nove filhos — reforça como a experiência literária nasce da experiência vivida, naquilo que a autora denomina *escrevivência*. Em suas palavras: “a minha produção literária é profundamente marcada pela minha condição de mulher negra, oriunda das classes populares” (TV PUC-RIO, 2017). Essa afirmação não apenas situa sua escrita num lugar político, mas revela que as histórias narradas carregam o peso de gerações de mulheres negras que sobreviveram por meio do trabalho exaustivo, da criatividade e da resistência (Silva e Cavalcante, 2023).

Ao conectar o conto ao Feminismo Negro, o artigo ressalta que a maternidade de mulheres negras é inseparável da violência histórica que as acompanhou desde os tempos coloniais. Hooks (2015) afirma que mulheres negras aprenderam a política feminista na vida, e não apenas na teoria, pois desde a infância suas existências são demarcadas pela servidão e pelo racismo. Essa perspectiva dialoga diretamente com *Olhos d'Água*: o cuidado materno exibido na narrativa não é voluntário ou idealizado, mas muitas vezes imposto pela estrutura colonial e capitalista que empurra mulheres negras para funções domésticas desvalorizadas. É o que também reforça Almeida (2019), ao lembrar que mulheres negras recebem os menores salários e ocupam funções essenciais, porém invisibilizadas na manutenção social.

O conto evidencia como essa precariedade interfere profundamente na experiência de ser mãe. A fome, elemento constante na narrativa, simboliza o abandono estatal e a ausência de políticas públicas que garantam condições mínimas de dignidade. Em diversos momentos, a

narradora relembra que “da panela subia cheiro algum”(Evaristo, 2015, p. 16), revelando que, muitas vezes, cozinhar era apenas uma tentativa simbólica de alimentar as filhas. Esse gesto expõe o caráter político da maternidade: proteger as filhas da dor e preservar, ainda que à beira do desespero, a esperança e a dignidade familiar (Silva e Cavalcante, 2023).

Outro aspecto ampliado pelo manuscrito é a simbologia da água, associada tanto às lágrimas da mãe quanto à chuva, elementos que se confundem na memória da narradora: “chovia, chorava. Chorava, chovia” (Evaristo, 2015, p. 18). Essa fusão metafórica revela a potência ancestral da água na literatura afro-brasileira, remetendo tanto à dor quanto à purificação, tanto ao sofrimento quanto à continuidade da vida. O artigo interpreta esse simbolismo como um oceano de ancestralidades que conecta gerações de mulheres negras, conforme analisa Soares *et al.* (2020), ao afirmar que as águas “podem refrigerar ou afogar, dependendo da força da travessia” (p. 28). Nesse sentido, os olhos da mãe não são apenas órgãos físicos: são memória, dor, resistência e origem.

A ideia de continuidade geracional se fortalece no trecho em que a narradora afirma: “hoje, quando já alcancei a cor dos olhos de minha mãe, tento descobrir a cor dos olhos de minha filha” (Evaristo, 2015, p. 19). Este gesto de busca revela como a maternidade, na perspectiva negra, constitui-se como prática intergeracional de reconhecimento, reconstrução identitária e cura. Ao mesmo tempo em que a narradora não consegue se lembrar da cor dos olhos da mãe — indício de apagamento e silenciamento — ela projeta no futuro a tentativa de enxergar a filha, indicando movimento de reparação e reconstrução da memória.

Além disso, a narrativa de Evaristo denuncia o mito da democracia racial ao expor as condições materiais precárias e o abandono estatal que estruturam a vida da protagonista. As chuvas que ameaçam desabar sobre a casa, o medo constante, a ausência de alimento e a precariedade do lar concreto são metáforas da instabilidade e insegurança das vidas negras na sociedade brasileira. Gonzalez (2020) salienta que a ideologia de harmonia racial invisibiliza a violência estrutural que atinge especialmente mulheres negras, frequentemente reduzidas a estereótipos coloniais como o da “mucama” ou da “mãe preta”. O conto desmonta tais imagens ao retratar uma mãe que é simultaneamente exausta, amorosa, resistente e profundamente humana.

Em última instância, a maternidade no conto se revela como ato político porque desafia a estrutura que tenta historicamente negar às mulheres negras o direito ao cuidado, ao afeto e à preservação de suas famílias. A protagonista luta para manter suas filhas vivas, protegidas e emocionalmente sustentadas, mesmo quando a fome e a pobreza insistem em destruir qualquer

possibilidade de futuro. É nesse enfrentamento que a maternidade assume dimensão política: ao resistir ao desamparo, a mãe reafirma sua humanidade e reivindica um lugar de existência e dignidade que a sociedade insiste em negar (Silva e Cavalcante, 2023).

Assim, a obra de Evaristo transforma a maternidade de mulheres negras em instrumento de denúncia e crítica social, mas também em fonte de ancestralidade, afeto e reconstrução identitária. Como afirma a própria autora, sua escrevivência não é feita “para ninar os da casa-grande, mas para incomodá-los em seus sonos injustos” (Evaristo, 2020, p. 54), convocando o leitor a reconhecer a força política das vidas negras e das mães que sustentam, com seus corpos e afetos, a luta contra o racismo estrutural (Silva e Cavalcante, 2023).

5 CONCLUSÃO

A análise realizada ao longo deste trabalho permitiu compreender que o conto *Olhos d'Água*, de Conceição Evaristo, constitui-se como um importante marco da literatura negra feminina contemporânea, ao reinscrever a mulher negra no centro da narrativa e ao articular, pelos caminhos da escrevivência, dimensões como memória, maternidade, ancestralidade e resistência. Ao trazer à tona a trajetória da narradora, Evaristo reafirma a relevância das experiências cotidianas e das vivências históricas das mulheres negras, tradicionalmente silenciadas pela literatura hegemônica, e revela a potência de suas subjetividades na construção de novas formas de existir e narrar.

A partir dos referenciais teóricos discutidos — especialmente a amefricanidade de Lélia Gonzalez, as reflexões de Patricia Hill Collins sobre opressões interseccionais, os estudos de Hall sobre identidade, a crítica de Oyěwùmí à biologização do corpo e as contribuições de autores/as que debatem ancestralidade, oralidade e memória — foi possível reconhecer que a escrita de Evaristo opera como gesto político de descolonização estética e epistemológica. Ao privilegiar uma perspectiva que emerge das margens, a autora rompe com modelos literários eurocentrados e reconfigura o papel da literatura como espaço de disputa simbólica, capaz de tensionar as estruturas de raça, gênero e classe no Brasil.

No conto analisado, duas categorias se destacam: a matrilinearidade da memória e a maternidade como ato político. A primeira revela que a identidade da narradora é construída a partir de um fio ancestral feminino que atravessa gerações, sustentado pelo corpo, pelo afeto e pelo legado espiritual das mulheres de sua família. Esse movimento demonstra que memória não é apenas evocação individual, mas fenômeno social, coletivo e cultural, conforme apontado por Halbwachs e Pollak. Já a maternidade, compreendida como espaço de resistência, denuncia condições de desigualdade, abandono e precarização impostas às mulheres negras, ao mesmo tempo em que afirma sua capacidade de gerar vida, força e saberes. Em Evaristo, maternar é um gesto de sobrevivência, de enfrentamento e de continuidade histórica.

Percebe-se, assim, que *Olhos d'Água* condensa de modo singular os principais eixos da literatura evaristiana: a denúncia das violências estruturais, a afirmação da ancestralidade africana, a centralidade do corpo negro feminino e a elaboração estética de uma escrita que nasce da vivência — a escrevivência. A obra evidencia que narrar a si mesma é, para a mulher negra, um ato de insurgência; é criar territórios simbólicos onde sua história, antes apagada, pode finalmente ser reconhecida.

Dessa forma, conclui-se que o conto *Olhos d'Água* contribui decisivamente para o fortalecimento da literatura negra no Brasil, ao reinscrever a mulher negra como sujeito histórico, político e poético. A narrativa de Evaristo não apenas reflete realidades sociais, mas as transforma em experiência estética que convoca à reflexão crítica, à memória coletiva e à reparação simbólica. Ao amefricanizar a literatura brasileira, a autora amplia os horizontes de representação e reafirma a literatura como espaço imprescindível para a construção de justiça social e para a valorização das múltiplas vozes que compõem a diáspora africana no país.

REFERÊNCIAS

- AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Sueli Carneiro, 2019.
- ALMEIDA, Silvio. **Racismo estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro, 2019.
- ALVES DENIZ, Eliane da Silva; SOUZA, Marinete Luzia de. **MÃETERNIDADE nas obras *A cor da ternura* e *Ponciá Vicêncio*, de Conceição Evaristo**. *Inventário*, v. 19, n. 2, 2022.
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1979.
- BRASIL. **Constituição (1988)**. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal, 1988.
- COLLINS, Patricia Hill. **Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2019.
- COSTA, Ana Paula. **A cor dos olhos e a cor da memória: identidade e ancestralidade em *Olhos d'água***. *Revista Moara*, n. 50, p. 60–74, 2018.
- DALCASTAGNÈ, Regina. **Literatura brasileira contemporânea: um território contestado**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.
- DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.
- DELGADO, Lucilia de Almeida Neves; FERREIRA, Marieta de Moraes. **História do tempo presente e ensino de História**. *Revista História Hoje*, v. 2, n. 4, p. 19-34, 2013.
- EVARISTO, Conceição. **A escrevivência na literatura feminina de Conceição Evaristo**. Entrevista cedida a Bruno Barros. Rio de Janeiro: TV PUC-Rio, 2017. (14 min. 28 s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=wnB4YsSjlnA>. Acesso em: 28 mar. 2023.
- EVARISTO, Conceição. **Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita**. In: _____. *Escrevivências: identidade, corpo e memória*. Rio de Janeiro: Mina Comunicação, 2009. p. 21–29.
- EVARISTO, Conceição. **Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita**. In: _____. *Escrevivência: a escrita de nós – reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020. p. 48-54.
- EVARISTO, Conceição. **Da representação à auto-apresentação da mulher negra na literatura brasileira**. *Revista Palmares*, v. 1, n. 1, p. 52-57, 2005.
- EVARISTO, Conceição. **Entrevista ao Brasil de Fato**. YouTube, 09 ago. 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Ibiyckf7ksM>. Acesso em: 28 mar. 2023.
- EVARISTO, Conceição. **Escrevivência**. YouTube, 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QXopKuvxevY>. Acesso em: 28 mar. 2023.

EVARISTO, Conceição. **O ponto de partida da escrita – Ocupação Conceição Evaristo**. 2017c. (6 min. 39 s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QXopKuvxevY>. Acesso em: 28 mar. 2023.

EVARISTO, Conceição. **Olhos d'água**. Rio de Janeiro: Pallas, 2016.

EVARISTO, Conceição. **Olhos d'água**. Rio de Janeiro: Pallas; Fundação Biblioteca Nacional, 2015.

EVARISTO, Conceição. **Ponciá Vicêncio**. Rio de Janeiro: Pallas, 2003.

EVARISTO, Conceição. **Roda Viva**. YouTube, 06 ago. 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Wnu2mUpHwAw>. Acesso em: 28 mar. 2023.

GOMES, Helton. **Temos um passado que foi violentado e a culpa não foi nossa**. UOL, 2021. Disponível em: <https://www.uol.com.br/tilt/reportagens-especiais/ancestralidade-conceicao-evaristo.htm>. Acesso em: 28 mar. 2023.

GONZALEZ, Lélia. **A categoria político-cultural de amefricanidade**. In: GONZALEZ, Lélia. *Por um feminismo afro-latino-americano*. Rio de Janeiro: Zahar, 2020. p. 71–86.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: UFMG, 2000.

HOOKS, bell. **Mulheres negras: moldando a teoria feminista**. *Revista Brasileira de Ciência Política*, p. 193-210, 2015.

LE BRETON, David. **A sociologia do corpo**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

LIMA, Carlos. **Corpo ancestral e memória afro-brasileira**. Salvador: EDUFBA, 2022.

MBEMBE, Achille. **Crítica da razão negra**. Lisboa: Antígona, 2014.

MELLO, Leonardo Tondato. **Cultura, linguagem e identidade**. São Paulo: Paulus, 2021.

MOREIRA, Josinéia Chaves. **Maternidades negras como prática da liberdade**. *Opiniões – Revista dos Alunos de Literatura Brasileira*, n. 25, 2023.

MOREIRA, Lisandra Espíndula; NARDI, Henrique Caetano. **Mãe é tudo igual? Enunciados produzindo maternidade(s) contemporânea(s)**. *Revista Estudos Feministas*, v. 17, p. 569-594, 2009.

NOGUERA, Renato. **O que é filosofia africana**. Belo Horizonte: Letramento, 2017.

NUNES, Nilza Rogéria de Andrade; VEILLETTE, Anne-Marie. **Mulheres de favelas e o (outro) feminismo popular**. *Revista Estudos Feministas*, v. 30, 2022.

NUNES, Sued. **Povoada**. Muritiba: Munguzá Records, 2021. (2 min. 08 s).

OLIVEIRA, Eduardo David de. **Filosofia africana: ancestralidade e contemporaneidade**. Salvador: EDUFBA, 2012.

OLIVEIRA, Natalino da Silva de. **Escrever é sangrar: reflexões sobre ancestralidade, racismo e dor em Olhos D'água de Conceição Evaristo**. *Aletria*, v. 29, n. 1, p. 179-195, 2019.

OYĚWŪMÍ, Oyèrónké. **A invenção das mulheres: uma perspectiva africana sobre discursos ocidentais de gênero**. In: BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSGOUEL, Ramón (org.). *Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2018. p. 303–324.

PIMENTA, Luciana; ARAÚJO, Luísa Consentino de. **Direito fundamental dos corpos negros à maternidade: por um direito literário e escre(vi)vente**. *Revista Jurídica do TRF1*, v. 14, n. 2, 2022.

POLLAK, Michael. **Memória e identidade social**. *Estudos Históricos*, v. 5, n. 10, p. 200–212, 1992.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno manual antirracista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SÃO BERNARDO, Augusto Sérgio dos Santos de. **Ancestralidade como categoria de resistência**. *Revista da ABPN*, v. 10, n. 25, p. 221–235, 2018.

SILVA, Denise Almeida. **Literatura e resistência: a maternidade em contos de Conceição Evaristo**. *Revista da URI*, 2021.

SILVA, Denise Almeida; CONTE, Andréia. **A denúncia social em Olhos d'água, de Conceição Evaristo**. *Cadernos de Literatura*, v. 18, n. 2, p. 418–432, 2019.

SOARES, A. C. E. C.; CIDADE, Camilla de Almeida Santos; CARDOSO, Vanessa Clemente. **Maternidades plurais: os diferentes relatos, aventuras e oceanos das mães cientistas na pandemia**. Rio de Janeiro: Bindi Acadêmico, 2020.

TRUTH, Sojourner. **E não sou uma mulher?** 1851. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/e-nao-sou-uma-mulher-sojourner-truth/>. Acesso em: 2025.

A handwritten signature in dark ink, reading "Selma Santana Guimarães Heróis". The script is cursive and fluid, with the first name "Selma" starting with a large 'S' and the last name "Heróis" ending with a distinct flourish.

Assinatura do orientador